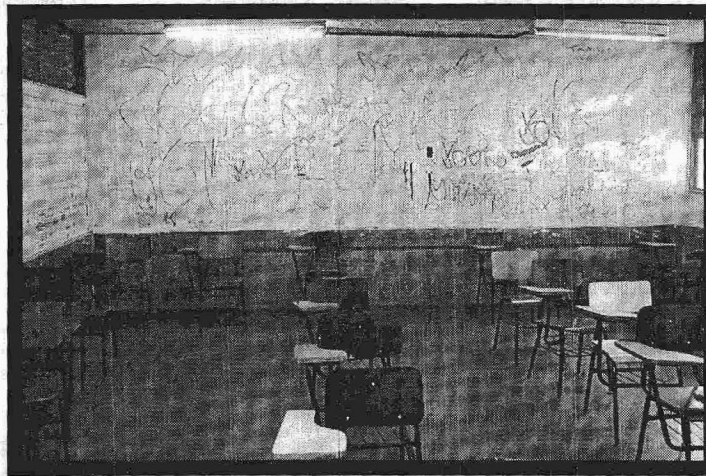




**CENTRO EDUCACIONAL 7 DE CEILÂNDIA: CERCA QUEBRADA E LIXO...**



**... E PAREDES PICHADAS DENTRO DA PRÓPRIA SALA DE AULA**



**BURACO NA ESCOLA CLASSE Nº 1 DO RIACHO FUNDO: INSEGURANÇA**

# Escolas provisórias continuam à espera de solução

**DARSE JÚNIOR**

DA EQUIPE DO CORREIO

Antigos problemas ameaçam atrapalhar os trabalhos escolares no próximo ano. Entulho no pátio de lazer, canaletas quebradas da rede de escoamento das águas pluviais e buracos nas paredes das salas de aula denunciavam descaso com os cerca de 530 mil alunos da rede pública. Colégios erguidos provisoriamente funcionam de maneira precária há 15 anos. A Escola Classe 1 do Riacho Fundo, que atende 1.000 crianças de 4 a 10 anos, é apontada pelo Conselho de Alimentação Escolar como uma das piores.

Formado por pais, professores e representantes da comuni-

dade, o fiscaliza as instalações e as condições de armazenamento dos alimentos que serão servidos aos alunos. "A higiene é péssima. Há infiltrações, vazamentos e até indícios de ratos na cozinha", comenta o integrante do conselho Francisco Barbosa. Para a coordenadora do colégio, Irani de Lima, só há uma solução: a demolição: "Não pode continuar assim. Tem de derrubar e construir outra".

A escola erguida no início da década de 90 para funcionar provisoriamente por cinco anos apresenta corrosões na base da estrutura, rachaduras e buracos. Só este ano, foi assaltada quatro vezes. Em um dos casos, os bandidos aproveitaram a abertura na construção para entrar e fu-

gir. Falta até mesmo material básico para o ensino. Os estudantes têm de disputar cadeiras e alguns se acomodam como podem em bancos sem encosto.

O risco de acidentes é constante. As calhas quebradas de escoamento das águas das chuvas viram armadilhas. "Minha filha tropeçou na vala, caiu e quebrou o maxilar em junho. Vai ficar com uma cicatriz para o resto da vida", queixa-se a mãe Célia Medeiros, 35 anos. O mato tomou conta da área destinada à horta e o campo de futebol virou cinco salas de aula para a educação infantil. A construção consumiu a maior área de lazer. "Agora as crianças não tem onde brincar e a recreação faz parte do aprendiza-

do", lamenta a coordenadora.

A falta de infra-estrutura também atinge o Centro Educacional 7 de Ceilândia. Para a aluna do 1º ano do ensino médio, Jacicléia dos Santos, 19 anos, é mais fácil dizer o que está bom. "Há problemas em toda parte. As paredes das salas estão rabiscadas, o banheiro é sujo e os quadros são antigos. Só prestam os alunos e os professores", critica.

## Abandono

Além das pichações que tiram a concentração dos estudantes, parte do teto da sala 4 está prestes a cair. As quadras poliesportivas desgastadas e sem traves de futebol são o retrato do abandono.

Resta apenas a estrutura de

metal enferrujada do que seria o ginásio do colégio. O viveiro de plantas, próximo à entrada principal, virou depósito de lixo. A construção do trilho do metrô, às margens da escola, agravou o problema. A obra jogou um morro de terra para dentro do terreno da escola. De acordo com a diretora, Maria José Fernandes Henrique, o quadro será outro no próximo ano. "Há obras previstas. Essas reformas acabarão com nossos problemas", garante. Ela não sabe informar a quantia que será investida.

O **Correio** também visitou a Escola Classe 425 de Samambaia, inaugurada há 15 anos. Deveria funcionar em caráter provisório por cinco anos. As marcas de bala no portão principal

revelam que o problema vai além da infra-estrutura. A direção da escola, no entanto, não autorizou a entrada da reportagem.

De acordo com a subsecretária de Planejamento e Inspeção do Ensino da Secretaria de Educação, Dora Vianna Maneta, o órgão investiu aproximadamente R\$ 35 milhões em obras e compra de móveis para as escolas públicas este ano. "Mesmo que a gente queira, não podemos reformar todos os colégios, porque não temos para onde transferir todos os alunos", explica. Em 2005, o governo inaugurou cinco escolas. A secretaria trabalha na construção de 11 instituições de ensino. A idéia é inaugurar todas até o início do ano letivo, mas as chuvas podem atrasar as obras.